



QUANDO O PORNÔ VAI À CIDADE¹

JOÃO SOARES PENA

*Urbanista, mestre PPG Arquitetura e
Urbanismo/UFBA e membro do Laboratório Urbano*

170

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta a pesquisa de mestrado intitulada *Espaços de excitação: cines pornôs no Centro de Salvador* (PENA, 2013), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA), apontando alguns de seus resultados. A investigação trata dos cines pornôs existentes no Centro de Salvador e sua relação com esta área, ou seja, a cidade.² Nosso interesse está na apreensão e compreensão de processos urbanos que fogem daqueles presentes na prática tradicional do urbanismo³ e, conseqüentemente, do ordenamento urbano. Nesse sentido, buscamos entender como as práticas sexuais – especificamente, aqui, as relacionadas aos cines pornôs – se inserem e se relacionam, a partir de seus praticantes, com a cidade.

É importante situar que os cinemas pornô estudados se inserem na trajetória dos cinemas de rua em Salvador, cujo princípio data do ano 1897, quando houve a primeira exibição de filme na cidade. Ao longo dos anos, várias mudanças ocorreram tanto na configuração desses espaços quanto na relação entre eles e a cidade. Salvador, que tivera outrora inúmeros cinemas de rua em funcionamento, passou a contar com apenas dois, funcionando como pornôs. Assim, enfatizamos, neste texto, a dinâmica atual desses dois lugares e sua relação com a área onde estão inseridos.

Para a realização da pesquisa fizemos uma aproximação do urbanismo com a antropologia urbana, assumindo o que Magnani (2002) chama de olhar “de perto e de dentro”. Isto “permite-lhe captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números”. (MAGNANI, 2002, p. 16) Essa visão macro seria o que o autor chama de olhar “de fora e de longe”, o qual se refere aos enfoques corriqueiros sobre a cidade. Nesse sentido, buscamos nos aproximar do nosso objeto, assumindo uma postura “de perto e de dentro” ou, ainda, como diria Biase (2012), uma abordagem ou postura antropológica⁴ para, a partir daí, compreendê-lo no contexto do Centro da cidade.

A CHEGADA DO PORNÔ EM SALVADOR

171

Os filmes pornográficos passaram a ter espaço no mercado exibidor brasileiro no final da década de 1970. Em Salvador, os filmes pornôs foram exibidos, de forma geral, nos cinemas de rua distribuídos pela cidade, sobretudo os do Centro, a partir do final dessa mesma década. Os filmes pornôs inicialmente eram exibidos nos cinemas comerciais, inclusive, nas melhores salas. Contudo, com o passar do tempo, eles restringiram-se a algumas salas que se especializaram nesse gênero. De acordo com Leal e Leal Filho (1997), nos anos 1970 havia cinco cines pornôs em Salvador: Jandaia, Pax, Liceu, Tupy e Astor. Todos eles estavam localizados na área central, relativamente pertos um do outro, configurando o que Magnani (2002) chama de “mancha”, ou seja, áreas contíguas onde há equipamentos que favorecem a existência de uma prática ou atividade predominante. Neste caso, tratava-se de uma mancha de lazer por competição, já que todos esses estabelecimentos ofereciam o mesmo serviço.⁵

No final dos anos 1970 e começo dos 1980, as sessões de filmes pornôs iniciavam-se à tarde, a partir das 14h até as 22h, e eram contínuas, ou seja, era possível ver mais de uma vez ao filme após o pagamento do ingresso, desde que não se saísse do cinema. Nesse período, os espectadores lotavam os cinemas, havendo filas enormes (de cerca de 600 a 700 m) de quem aguardava pelo início da

COISAS
EROTICAS 2 € M



WORLD FIGHTERS KUNG-FU CHAMPION



exibição. Os frequentadores eram geralmente homens jovens ou de meia idade, poucos casais e pouquíssimas mulheres ou grupos de amigas. A programação dos cinemas que exibiam filmes com conteúdo sexual geralmente continha um filme de ação (artes marciais, como *kung fu*) seguido de um filme de sexo (*soft* ou *hard core*),⁶ cuja censura era sempre indicada nos anúncios dos jornais, permitindo apenas para maiores de 18 anos.

Podemos perceber que as dobradinhas *kung fu*-pornô atraíam bastante público, e foi uma alternativa para cinemas de rua nos anos 1980 manterem a frequência de muitos espectadores, pois neste período esses cinemas de rua estão perdendo sua importância. Contudo, entre meados e final desta década, “desapareceram os lanterninhas e a vigilância no interior das salas comporta uma maior “tolerância”. (VALE, 2000, p. 34) O “lanterninha” era responsável por manter a ordem na sala, evitando ou coibindo atos impróprios, além de orientar o espectador. Coincidentemente ou não, o desaparecimento dessa figura aconteceu no momento em que esses cines pornô passaram a abrigar o exercício de práticas sexuais entre seus frequentadores que eram, majoritariamente, do sexo masculino. Se, por um lado, isto afastou alguns frequentadores que não estavam interessados nessas práticas, por outro, atraiu pessoas que iam em busca de parceiros.

A partir daí, a possibilidade de encontrar parceiros para prática sexual passou a ser o sustentáculo desses espaços, sendo o filme apenas um pano de fundo que, apesar de ser assistido por alguns com atenção, não se configura como o objetivo da maioria que procura esses cines pornô atualmente. Neles, o sexo deixa a tela e passa a ser protagonista na sala de exibição entre os frequentadores, com a realização de suas práticas sexuais.

Vista do Cine Tupy.

174

NO ESCURINHO DO CINEMA

Dos diversos cinemas de rua existentes em Salvador, apenas dois mantiveram-se em funcionamento, ambos pornô. São eles: o Cine Astor, fechado no início de 2013; e o Cine Tupy, qual continua em atividade. Eles estão localizados no Centro de Salvador, área que, apesar das mudanças ao longo do tempo, continua sendo importante devido à quantidade de serviços diversos que oferece à cidade e de toda a infraestrutura que possui. Se, por um lado, houve a retirada dos órgãos administrativos do Estado dessa área, por outro, há uma série de órgãos da administração municipal, inclusive a Prefeitura, que aí funcionam cotidianamente, além de um forte comércio popular. Isto atrai uma grande quantidade de pessoas para essa área, tanto para trabalhar e para resolver uma série de questões junto ao poder público quanto para as práticas de consumo.



175

Todo esse movimento que acontece durante o dia vai cessando e, ao cair da noite, não o observamos mais. Então, as ruas estão mais vazias (menos carros e pedestres), as lojas fechadas; as pessoas que procuram o Centro não são as mesmas ou os interesses são diferentes e a ambiência já é outra. Saem os trabalhadores de rua que comercializam eletroeletrônicos, CDs e similares e aparecem outros sujeitos que também têm a rua como local de trabalho, como os michês, os travestis e as garotas de programa. Entretanto, é durante o dia que os cinemas mantêm seu funcionamento – devido ao fluxo de pessoas na área –, cessando à noite por conta também, da falta segurança.

O Cine Tupy foi inaugurado em 1956 e está localizado na Avenida J. J. Seabra, conhecida como Baixa dos Sapateiros, uma área de comércio popular intenso. Com sua fachada discreta – só é notado pelos inscitos “Tupy todos os dias 2 filmes eróticos” –, funciona todos os dias das 10h00 às 18h30. O ingresso custa R\$ 6,50 (meia-entrada para todos) e dá o direito de permanecer no cine o tempo que se quiser até o fim do expediente.



Inaugurado em 1953, o Cine Astor tornou-se pornô nos anos 1970, atividade que manteve até 2013. Localizado na Rua da Ajuda, paralela à Rua Chile, o Astor estava próximo a importantes equipamentos urbanos, como a Câmara de Vereadores, o Elevador Lacerda, a Prefeitura Municipal, o Palácio Rio Branco, o terminal de ônibus da Praça da Sé etc., onde há, também, uma presença intensa de turistas. Entretanto, essa rua não é tão movimentada quanto a Rua Chile, o que, aliado à discrição de sua fachada, lhe confere pouca visibilidade, tanto que muitas pessoas desconheciam completamente a existência desse espaço ou, quando já ouviram falar a respeito, acreditavam que o mesmo já estava fechado (antes dele ter fechado de fato).

Pagando cerca de R\$ 5,00, era possível ter acesso ao cinema, cuja sessão era contínua, ou seja, o espectador poderia ficar o quanto quisesse na sala pelo valor de um único ingresso.

O fechamento do Cine Astor poderia ter significado uma retração do segmento pornô no Centro, mas o que aconteceu foi exatamente o contrário. Após o fechamento, houve a reabertura provisória no prédio em frente, sendo posteriormente deslocado para a Rua Ruy Barbosa, abrindo com o nome de Colônia Filmes. Nesse momento, um antigo funcionário do Astor resolveu manter o espaço até então provisório, enquanto sala de exibição de filmes pornôs, chamado, aqui, de Cine Cabine. Curiosamente, o fechamento do Astor deflagrou, então, o aumento no número de salas pornôs na cidade. É claro que estamos em uma situação diferenciada, pois eles não funcionam mais como os antigos cinemas de rua com sua estrutura original, apesar de tentarem reproduzir, nesses novos espaços, a ambiência que existia naquele tipo de cinema.

Após passar pela porta dos cines pornôs, a realidade que se mostra em seu interior distingue-se fortemente do que vemos a alguns metros de distância, bem em frente a esses locais. A ambiência desses espaços sugere o estabelecimento da noite durante o dia em espaços determinados e propicia o aparecimento de certas posturas e práticas não tão comuns à luz do dia. A sala deixa de ser apenas um cinema, pois certas práticas emergem ao nosso olhar. A escuridão possibilita um possível anonimato, uma vez que é muito difícil enxergar completamente

os detalhes da fisionomia da pessoa com quem se está praticando sexo ou mesmo de quem está lá.

Vista do Cine Astor.

Entre os frequentadores dos cines há quem esteja simplesmente buscando divertimento, mas há quem use o local como ponto de trabalho, como é o caso dos garotos de programas ou *boys*, os travestis e as garotas de programa, além dos próprios funcionários que são responsáveis pelo funcionamento dos estabelecimentos.

Entre eles podemos, antes de tudo, constatar que a frequência é majoritariamente masculina. Entretanto, podemos fazer, pelo menos, três distinções entre essas pessoas: os “caçadores”, que são os que procuram interagir com outros frequentadores sem precisar pagar; os homens que procuram os travestis e os que procuram pelas garotas de programa. A prostituição feminina acontecia no Astor, onde também havia a atuação de travestis e *boys*, e se mantém no Colônia Filmes e no Cine Cabine. Já no Tupy não há garotas de programa, apenas *boys* e travestis. Entretanto, o melhor cine para os *boys* é o Tupy, pois nele há mais pessoas que buscam seus serviços.

Desse modo, há uma especialização dos cinemas, pois, de acordo com os interesses do público, há tipos de profissionais do sexo que têm mais chances de atuar em cada um deles. Entretanto, isso não é excludente a uma ou outra prá-

tica sexual. Entre as razões pelas quais os profissionais do sexo escolheram os cines pornôns, em vez de outros espaços que acolhem essas práticas, estão a segurança desses locais e o retorno financeiro, já que eles pagam apenas o ingresso, ou seja, não há nenhuma outra taxa que seja cobrada pela administração dos cines.

Na pesquisa de campo, fizemos uso da etnografia, método da antropologia, que consiste num mergulho na realidade que se pretende compreender. Nesse sentido, é interessante notar que, entre os profissionais do sexo com os quais tivemos contato, de maneira geral, os garotos moram em bairros periféricos, já os travestis habitam a área central da cidade. Além disso, alguns deles atuam em outros locais além dos cines, sejam saunas, clubes de sexo ou a própria rua à noite. Assim, atuando em vários desses espaços da cidade, eles podem estabelecer certa conexão entre eles, não apenas do ponto de vista espacial, mas, também, em relação aos frequentadores desses diferentes lugares.

Nos arredores dos cinemas existem hotéis, que, na verdade, funcionam como motéis e são frequentemente utilizados por frequentadores desses cinemas quando estes não desejam realizar suas práticas sexuais nestes lugares. Geralmente, isto acontece quando se trata de programa com os profissionais do sexo. Além disso, no Centro há outros espaços que, de algum modo, estão relacionados

a esses cines pornôns, seja pela proximidade espacial, seja pelos frequentadores em comum ou por, haver de certa maneira, a mediação da imagem nas práticas que acontecem em seu interior. Trata-se das saunas e clubes de sexo existentes no Centro, os quais, juntamente com os cines pornôns, configuram uma mancha de espaços de práticas sexuais nessa região.

No caso dessa mancha especificamente, o regime de visibilidade é um tanto curioso, pois, ao mesmo tempo em que alguns deles estão em áreas com certo movimento, a discrição da fachada dos estabelecimentos dificulta sua identificação por pessoas que não sejam frequentadoras, que sejam simples transeuntes, ou seja, que não frequentem esses lugares. Magnani (2002) acrescenta que a

Mancha de espaços de prática sexual no Centro de Salvador.





mancha é o lugar de cruzamentos inesperados e não previstos. “Numa determinada mancha sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores.” (MAGNANI, 2002, p. 23)

Esses espaços integram o que podemos chamar de circuito *gay* de Salvador, ou seja, locais com frequência de pessoas homo-orientadas extrapolando os limites do Centro com a existência de diversos outros espaços e estabelecimentos na cidade. Apesar da maior independência do ponto de vista espacial, o circuito compreende a totalidade de equipamentos que oferecem determinado serviço ou servem para a realização de uma prática. Assim, mesmo

sem uma contiguidade espacial, os espaços geralmente são conhecidos pelos integrantes desse circuito, mesmo considerando que nem todos frequentam todos os lugares.

CONCLUSÃO

O pornô sempre esteve no cinema, desde seus primeiros anos. Entretanto, sua forma de produção e exibição mudou ao longo do tempo. Do mesmo modo, o cinema pornô sempre esteve na cidade, mesmo que de maneira clandestina e em lugares mais restritos. É possível indicar que há certa relação entre as imagens em movimento e as práticas sexuais que ocorrem no interior dos cines pornôs, o que já acontecia, de certa maneira, desde os primeiros filmes feitos para excitar. Podemos dizer que, atualmente, nos cines pornôs de Salvador, os filmes de sexo explícito são um pano de fundo, pois o que realmente sustenta esses cinemas são as práticas sexuais entre os frequentadores.

Os cines pornôs mantêm estreita relação com a dinâmica do Centro de Salvador, pois seu funcionamento está relacionado ao fluxo de pessoas nesta área, interessadas nesse tipo de espaço, os quais podem lhe conferir certo anonimato. Além disso, a abertura dos dois novos cines é sintomática a respeito de uma pulsão erótica que existe no Centro e indica uma dinâmica peculiar nesta área ligada aos espaços de prática sexual. Assim, indo de encontro à tendência do desaparecimento, esses estabelecimentos tomaram um novo fôlego e se mantêm no Centro com suas fachadas discretas e seu interior fervilhando.

Algumas das questões apontadas aqui não estão na ordem do dia do urbanismo em seus diagnósticos, planos, projetos etc., e com isto não estamos dizendo que deveriam estar; ou seja, não se trata de ordenar essas práticas, como fazemos com as distintas atividades urbanas, mas é preciso considerá-las ao realizarmos intervenções urbanísticas, pois elas também são constituintes da dinâmica urbana.

Aspectos abordados ao longo deste texto contribuem para compreendermos a dinâmica do Centro e da própria cidade sob outra perspectiva que não seja uma abordagem tradicional do urbanismo. Não se trata apenas de entender, por exemplo, como se dão o uso e a ocupação do solo, ou quais atividades econômicas funcionam nessa área, pois existem atividades que atraem públicos específicos (como cinemas pornográficos e saunas) e que funcionam se-

gundo sua própria lógica. Foi assim que para compreender melhor a nossa questão, buscamos utilizar a etnografia, no sentido de nos aproximarmos do nosso objeto para apreendê-lo e compreendê-lo. Acreditamos que as trocas entre distintos campos do conhecimento podem ser bastante ricas, contribuindo para uma melhor compreensão do objeto de estudo, no nosso caso, a cidade. 

¹ A dissertação foi defendida em novembro/2013. Banca: Washington Luis Lima Drummond (orientador) e Paola Berenstein (co-orientadora) (PPGAU/UFBA). Francisco de Assis Costa (PPGAU/UFBA). Milton Júlio de Carvalho Filho (IHAC/UFBA).

² A pesquisa teve início em 2009, quando o autor era estudante de Bacharelado em Urbanismo na UNEB, tendo como primeiro resultado um artigo (PENA; BOUÇAS; NUNES, 2009), apontando as ideias iniciais que foram desenvolvidas e aprofundadas posteriormente na pesquisa de mestrado.

³ Falamos da prática e não do próprio urbanismo, pois os resultados dele, enquanto campo que se dedica a pensar e intervir na cidade, depende da forma como ele é operado/apropriado e das ferramentas que são utilizadas, pois, como sabemos, há uma série de interesses distintos e forças que operam sobre o urbano.

⁴ Biase (2012, p. 198) defende a antropologia não apenas como disciplina científica, mas, também, como “uma postura, uma forma de apreender, de abordar e de olhar de dentro, intimamente, criar ferramentas, toda uma maneira de fazer,

de pensar e de estar frente ao outro [...] uma antropologia que poderia ser defendida, praticada e reivindicada pelos arquitetos, urbanistas e atores de outras disciplinas.” A própria autora tem sua formação inicial em arquitetura e urbanismo, tendo realizado doutorado em antropologia social e etnologia, e tem realizado pesquisas que relacionam essas duas áreas.

⁵ Para maiores detalhes acerca da trajetória dos cinemas de rua em Salvador, sua relação com esta cidade e a chegada dos filmes pornô, cf. Pena (2012, 2013) e Leal e Leal Filho (1997).

⁶ Abreu (1996) explica que os filmes que tem a temática sexual são definidos basicamente de dois modos: soft core e hard core. Soft core refere-se aos filmes eróticos, ou seja, que não têm cena de sexo explícito, apenas sugerido. Já hard core define os filmes em que o sexo aparece de forma explícita e é o que realmente “importa”, haja vista a excessiva exibição de ações sexuais, do pênis ereto e da penetração.

- ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- BAUDRY, Patrick. O pornô como experiência urbana. *Cadernos PPGAU/FAUFBA*, Salvador, v. 7, n. 1, Edição especial - Paisagens do Corpo, p. 55-65, 2008.
- BIASE, Alessia de. Por uma postura antropológica de apreensão da cidade contemporânea: de uma antropologia do espaço a uma antropologia da transformação da cidade. *Redobra*, Salvador, n. 10, p. 190-206, 2012.
- BOCCANERA JÚNIOR, Silio. *Os cinemas da Bahia, 1897-1918*. Salvador: EDUFBA; EDUNEB, 2007.
- FERREIRA, Lenne. O filme é o que menos importa. *Revista Aurora*, Recife, 2013. Disponível em: <<http://aurora.diariodepernambuco.com.br/2013/09/o-filme-e-o-que-menos-importa/>>. Acesso em: 15 set. 2013.
- LEAL, Geraldo da Costa; LEAL FILHO, Luís. *Um cinema chamado saudade*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, fev., 2002. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10704902#>>. Acesso em: 1 mai. 2013.
- PENA, João Soares. Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua. *O Olho da História*, Salvador, n. 18, julho, 2012. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.org/n18/artigos/joapena.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2012.
- PENA, João Soares. *Espaços de excitação: cines pornôs no Centro de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia. 2013.
- _____. BOUÇAS, Rose Laila de Jesus; NUNES, Eduardo José Fernandes. Cinemas de rua: um panorama sobre os cines pornôs no Centro Histórico de Salvador. Seminário de Pós-Graduação em Geografia, 9., 2009, Rio Claro. *Anais ... Rio Claro: UNESP: AGETEO*, 2009, p. 874-889. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/seminarioposgeo/anais>>. Acesso em: 3 mar. 2014.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- SANTOS, Milton. *O Centro da Cidade do Salvador: estudo de geografia urbana*. 2. ed. São Paulo: EDUSP; Salvador: EDUFBA, 2008.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.